

## AS OFICINAS DE MÚSICA NAS PRÁTICAS MUSICAIS DA REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA

### *THE THERAPEUTICAL MUSIC WORKSHOP IN MUSIC PRACTICES IN THE BRAZILIAN PSYCHIATRY REFORM*

*Tânia Marques Cardoso<sup>1</sup>, Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima<sup>2</sup>*

---

**Resumo:** Apresentamos um recorte de nossa dissertação sobre a utilização da música na/pela Reforma Psiquiátrica brasileira, por meio do dispositivo Oficina de Música. Algumas experiências são citadas, para dar audibilidade a essa prática. A nossa pesquisa teórico-conceitual de cunho arqueogenealógico visou identificar como se construiu historicamente os diversos modos de se fazer Oficina de Música no contexto dos serviços de Saúde Mental e demais substitutivos aos manicômios, o que nos levou a perceber a partir de que modo se diferenciam umas das outras e da Musicoterapia.

**Palavras-chave:** oficina de música, reforma psiquiátrica brasileira, saúde mental.

**abstract:** We present a clipping of our dissertation about the use of music in the Brazilian Psychiatric Reform, through the Music Workshop device. Some experiences are cited to give audibility to this practice. Our theoretical-conceptual research of archeo-genealogical aim was to identify how the different ways of doing Music Workshop in the context of the Mental Health services and other substitutes to the asylums were constructed historically, which led us to perceive from the way in which they differ of each other and Music Therapy.

**Keywords:** music workshop, brazilian psychiatric reform, mental health.

---

## INTRODUÇÃO

Em nossa pesquisa de mestrado, fizemos um levantamento bibliográfico a partir do método inspirado na arqueogenealogia foucaultiana sobre os modos de uso da música no recorte contextual da Reforma Psiquiátrica brasileira (RPb),

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis/SP e Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3378223540154098>. [tanyamarx@hotmail.com](mailto:tanyamarx@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis/SP. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3542814456676434>. [beth.lima@usp.br](mailto:beth.lima@usp.br)

com o objetivo de dar audibilidade a tais práticas e estudar suas funções sociais, tanto no que toca à disciplina dos corpos quanto às linhas de fuga que a música possibilita à subjetividade. Havíamos encontrado dois modos principais de uso da música na Saúde Mental: o primeiro refere-se a uma maneira de se utilizar a música como ferramenta mediadora de uma atividade principal que se sobressai à música, muito utilizada nas práticas em saúde em todo o Brasil (CARDOSO, 2014). Um segundo modo de trabalho com música na RPb se apresenta em atividades em que essa seria condição para a prática e em que suas próprias características dariam forma e direção ao trabalho: o uso da música e/ou de seus elementos como ferramenta e oferta principal aos sujeitos.

Nestas práticas notamos diferentes organizações, que elencamos em cinco: I. atividades de musicoterapia; II. oficinas sonoras e/ou musicais; III. bandas, corais, grupos musicais e trabalhos solos de variados formatos; IV. blocos carnavalescos; V. experiências de rádios. No presente trabalho, exploramos a categoria II, para buscar o que se denomina por “oficinas de música”. As classificações propostas não são definitivas nem definidoras últimas das práticas e foram feitas até então, por uma psicóloga estudiosa da música e que atualmente faz especialização em Musicoterapia.

As narrativas dessas experiências mostraram uma mistura entre essas diferentes dinâmicas na realidade dos serviços de saúde, de acordo com os profissionais que as coordenam, os pacientes participantes e o contexto institucional (id.), além de nos esclarecer sobre o que as distinguem da Musicoterapia a partir de exemplos práticos do trabalho em Saúde Mental, melhor detalhados na dissertação, da qual este trabalho é um breve recorte.

## MUSICOTERAPIA

### 1. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os anais do primeiro Congresso de Saúde Mental do Estado do Rio de Janeiro em 1997, o termo oficina designa atividades que acontecem em instituições de Saúde Mental “interessadas em romper com o modelo asilar” (MELLO, 2011), modelo inerente ao funcionamento dos hospitais psiquiátricos e suas práticas de controle, exclusão e tortura. Tal ideia substitui a disposição

da portaria nº 189 de 1991, da Secretaria Nacional de Assistência à Saúde, que aprovou a “oficina terapêutica” como atividade a ser incluída em grupos e procedimentos novos, alterada e regulamentada pela portaria de nº 728 de 2002, a ser registrados e adotados em serviços como hospitais psiquiátricos, ambulatórios e Centros ou Núcleos de Atenção Psicossocial (CAPS e NAPS). Entretanto, somente dez anos depois, a oficina é legitimada como prática característica da saúde mental no contexto da RPb.

Entretanto, não existe uma definição da prática em si, o que contribuiu para que as oficinas sonoras e/ou musicais se construíssem a si próprias com bastante liberdade. O que as diferencia, além das particularidades locais e regionais, são os objetivos da atividade, os métodos e os efeitos esperados, o que nos levou a classificá-las em diferentes “vibrações” (CARDOSO, 2014). As oficinas seriam diferenciadas, portanto, pela vibração terapêutica, vibração para a inserção social, vibração para a prática pedagógica, vibração estética e expressiva ou vibração transdisciplinar. As oficinas de vibração terapêutica que encontramos (HAINZ e COSTA-ROSA, 2009; MEDEIROS e CANDAL, 2010; RIBEIRO, 2007) possuem como em comum a oferta psicoterapêutica como ponto de partida, que utiliza a canção como linguagem, exigindo do psicoterapeuta/coordenador da oficina certo posicionamento ético, a escuta clínica e o direcionamento do tratamento a partir de seu referencial teórico. A adoção da canção como modelo principal de música, possibilita o trabalho interpretativo e livre-associativo sobre a letra, através da produção musical em grupo (HAINZ e COSTA-ROSA, 2009), a audição musical em espaço de convivência do CAPS, de maneira que desperdesse a fala dos pacientes (MEDEIROS e CANDAL, 2010). Mesmo o uso de sons do ambiente e de instrumentos tinham a finalidade de ampliar a comunicação entre mundo interno e externo (RIBEIRO, 2007).

A vibração para a inserção social e convivência incluem trabalhos como o de Santos e Lombardo (2010), Martins Silva e Sei (2010), Machado (2010), Oliveira e Latenek (2010), que relatam atividades extramuros das instituições de saúde mental, em que ocorre o trabalho interinstitucional de serviços como CAPS AD - para dependência de Álcool e outras Drogas, Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO) e Ponto de Cultura, incentivando especificamente a circulação dos usuários por outros espaços e a interação com a comunidade, que

é o objetivo em comum de tais experiências. Como cada uma utiliza a música a seu modo, destacamos as experiências de Martins e col. (2010) em que um profissional formado em música integrava a equipe do Cecco e a de Oliveira e Late- nek, em que participantes – usuários do Caps e comunidade – criavam e impro- visavam ritmos e músicas.

Já as oficinas com vibração pedagógica emergiram, em sua maioria, co- ordenada por educadores musicais, com a intenção de ensinar e aprimorar o conhecimento musical – em canto e flauta doce (LEANDRO et.al., 2010), canto, escuta em grupo e vivências sonoras corporais (CIAVATTA, 2010), treino musi- cal de percussão para pacientes em situação de internação e alta na banda “Doi- dodum” (TULLIO e NASCIMENTO, 2012), o grupo “Drum-Lata” do Rio de Janei- ro, em que monitores dão aulas de música em um CAPSi - Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (RIO DE JANEIRO, 2013). As oficinas com vibração estética, por sua vez, tem a preocupação de cuidar da produção musical em si, pensando também na problemática de quem ouve vozes e quer representa-las na experiência sonora (FREI et. al., 2010; FREI, 2012; BUELAU, 2012). Por fim, as oficinas com vibração transdisciplinar deixa a proposta aberta à (des)constru- ção, a partir das demandas dos sujeitos e da instituição, tentando dimensionar a autonomia do sujeito com a intersetorialidade da prática.

Alguns exemplos: a primeira oficina de música da RPb, no Caps “Itapeva”/ SP, descrita por Yasui e Dionísio bem como por Lima (*apud.* CARDOSO, 2014); a oficina para crianças e adolescentes do Espaço Lúdico Terapêutico (GALLETTI, 2001) e a oficina “Música e Cultura” realizada no Espírito Santo, num CapsAD - para dependentes de álcool ou outras drogas (SANTOS e FERNANDES, 2010).

## MUSICOTERAPIA

### CONCLUSÕES

Notou-se que a música nas oficinas é utilizada como um pretexto para produzir determinados efeitos – principalmente expressivos e comunicativos – no indivíduo ou no grupo do mesmo modo que outra arte, como a pintura ou o teatro, seria utilizada na clínica da Saúde Mental na RPb. Isso marca uma dife- rença entre Oficina de Música e Musicoterapia, já que, na última, ela não é um

pretexto, mas um elemento constituinte e viabilizador do tratamento, bem como os seus elementos que são tecnicamente manejados na relação terapêutica (BARCELLOS, 1999).

Outra marca diferencial são o fato de as oficinas serem, em sua maioria, coordenadas por profissionais de distintas formações e que utilizam a música como prática inerente à sua área – como a enfermagem, a psicologia, a terapia ocupacional, a educação musical, enquanto que a Musicoterapia exige formação específica para tal. Isso evidencia tanto o caráter múltiplo da produção das oficinas sonoras/musicais quanto certo aspecto de prática a ser criada em cada oficina. Isso pode ser enriquecedor pelos efeitos criativos nas práticas em Saúde Mental, que não possuem um modelo ou padrão, mas, corre-se um risco: o de subestimar a música como elemento causador de efeitos biopsicossociais adversos (CARDOSO, 2014).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Cadernos de Musicoterapia 4*. Rio de Janeiro, Enelivros, 1999.

BUELAU, Renata. Ensaio de delicadeza e ousadia: uma experiência com o corpo na saúde mental. In: AMARANTE, P. & NOCAM, F. (Orgs.) *Saúde Mental e Arte: Práticas, Saberes e Debates*. São Paulo, Zagodoni, 2012.

CARDOSO, Tânia Marques. *A que(m) serve a música na Reforma Psiquiátrica brasileira? Linhas de audibilidade nas práticas musicais e sonoras da Saúde Mental Coletiva*. 184 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

CIAVATTA, L. Corpo e Som Caps Lima Barreto. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE MENTAL ABRASME. *Anais do II Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010, p. 877 e 878.

FREI, A. E. As oficinas de expressão sonora: relatos da busca por metodologias e terapêuticas entre a percepção das paisagens sonoras e clínicas das psicoses. In: AMARANTE, P. & NOCAM, F. *Saúde Mental e Arte: Práticas, Saberes e Debates*. São Paulo, Zagodoni, 2012.

FREI, A. E.; BUELAU, R. M.; FREITAS, P. I. Y.; TOLEDO, F. M. Oficina de Expressão Sonora - busca de terapêuticas na clínica das psicoses para leitura de alucinações, delírios e realidades sonoras. II CONGRESSO DA ABRASME. *Anais do Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010. p. 555 e 556.

GALLETTI, Maria Cecília. *Oficina em saúde Mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?* Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

HAINZ, Carine G.; COSTA-ROSA, Abílio. A oficina terapêutica como intercessão em problemáticas de sujeitos constituídos por forclusão. *Psicologia em Estudo*, Maringá, n. 14 (Abr-Jun), p. 405-412, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122123021>>, acesso em 01 jul. 2012.

LEANDRO, J. A. *et al.* Promoção da Saúde Mental: Música e Inclusão Social no Centro de Atenção Psicossocial de Castro/PR. *Revista Conexão*, Ponta Grossa, n. 3, p. 59-63, 2011. Disponível em: <<http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao03/artigo13.pdf>>. Acesso em: julho 2013.

MACHADO, M. P. Arte, Saúde e Rizoma: A música e seus acoplamentos. In: II CONGRESSO DA ABRASME, p. 1059-1060. *Anais do Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, S. R. C.; SILVA, A. R.; SEI, M. B. Portal das Artes e a inserção da Música: Um relato de experiência em um Centro de Convivência. In: CONGRESSO DA ABRASME, p. 970 e 971. *Anais do Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010.

MEDEIROS, M. e CANDAL, C. Experiência de oficina de música. In: II CONGRESSO DA ABRASME, p. 999. *Anais do Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010.

MELLO, Walter; FERREIRA, Ademir Paceli (Orgs.). *A sabedoria que a gente não sabe*. Espaço Artaud: Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, B. T. G. M.; LATENEK, C. B. Oficina de Expressão Sonora: Um espaço de descobrimentos, trocas e criações na Atenção Psicossocial. In: II CONGRESSO ABRASME, p. 557. *Anais do Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010.

RIBEIRO, S. F. R. Grupo de expressão: uma prática em saúde mental. *Revista SPAGESP*; 8(1) jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v8n1/v8n1a04.pdf>>. Acesso em: 01 outubro de 2013.

RIO DE JANEIRO. Conexão aluno, Governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.conexaoaluno.rj.gov.br/especial.asp?EditeCodigoDaPagina=280>>. Acesso em: 01 agosto de 2013.

SANTOS, A. C. C.; LOMBARDO, G. N. Interface entre Arte, Território e Cultura: Potencializando projetos e transformando experiências através da vivência musical. CAPSad Independência - UNICAMP. II CONGRESSO ABRASME, p. 814. *Anais do Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, I. C.; FERNANDES, D. R. F. Oficina de Música & Cultura do CPTT - A experiência do CAPSad de Vitória/ES. CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE MENTAL DA ABRASME, p. 560-561. *Anais do Congresso da ABRASME*. Rio de Janeiro, 2010.

TULLIO, E. F., NASCIMENTO, M. J. C. Doidodum: musicoterapia, ensino e clínica antimanicomial. *Em extensão*, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 155-161, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20781>>. Acesso em: 01 set. de 2013.

